

## ENTREVISTA COM SEU JORGE



**J**orge Mário da Silva. Falando assim, ninguém deve conhecer, mas esse é o nome do Seu Jorge, cria do Gogó da Ema, em Belford Roxo, e autor de sucessos como “Burguesinha”, “Mina do Condomínio” e “São Gonça”. Obrigatórias em todo churrasco de domingo, as músicas se juntaram recentemente à parceria com o DJ Papatinho e o rapper Black Alien na gravação de “Final de Semana”, que está entre as mais tocadas da rádio FM O Dia. Em conversa com o MEIA HORA diretamente de Los Angeles, nos Estados Unidos, ele compartilhou detalhes sobre os novos projetos, que incluem um show inédito com Alexandre Pires.

**Você é um dos principais divulgadores do Brasil pelo mundo. Como tem sido ser essa voz do Brasil no contexto da pandemia?**

Tenho a mesma percepção que todo mundo tem, é sabido que a situação brasileira é bastante difícil. As coisas não estão no lugar, há uma preocupação, um desejo que as pessoas tenham suas vidas protegidas. Que a gente proteja o profissional de saúde, que está buscando salvar vidas. Eles têm todo meu respeito e de todo mundo. É uma tristeza estar vivendo isso não só no Brasil, mas no mundo inteiro. Eu me lembro que, no início do surto da pandemia na Itália, as pessoas foram para as varandas tocar violino, artistas se apresentando da sacada para diminuir o desconforto do momento que estamos vivendo. Eu vejo que este momento descortinou essa alternativa de fazer algo em prol da alegria, para que a gente suporte esse momento.

**Você completou 50 anos em plena pandemia, com três filhas e ainda consegue conciliar isso com o crochê e outros hábitos. Como a pandemia fez você conhecer outros Jorges?**

REPRODUÇÃO DO INSTAGRAM



**CRIA DO GOGÓ DA EMA**

A música provoca uma beleza, causa sensações e aquela ideia vai longe. Pela beleza do som, eu continuo caindo de joelhos apaixonado por discos que eu já descobri e continuo descobrindo. Tenho a honra de dizer que nasci no mesmo país que o Clube da Esquina. Eu sei que tenho o melhor emprego do mundo.

**Como você faz para manter a sanidade na pandemia?**

Existe uma rotina de viver, exatamente agora que teve esse grau acentuado de casos e de tristeza, ansiedade e acordar e não ser pego de surpresa com a doença já passou a ser, para mim, algo importante. A minha profissão me permite viver com algum cuidado, com uma estrutura onde estou cercado da minha

família.

A minha mãe ter tomado a primeira dose também dá uma

aliviada no mental. É um momento de muita tensão, até ir na academia pode contaminar a gente, tivemos que criar alternativas.

**'MELHOR EMPREGO**

SEU JORGE FALA SOBRE PROJETOS NA MÚSICA, LANÇAMENTO DE FILMES QUE ATUOU, PANDEMIA E MUITO MAIS

**DO MUNDO'**

Os hábitos do artesanato eu tenho desde garoto, tia minha me ensinou e, em 2018, eu voltei a fazer tricô, crochê, como passatempo. Antes da pandemia, estava fazendo um tributo ao David Bowie rodando o mundo. Com a pandemia, tive mais tempo. Fiz lives com o Edi Rock, com a Elza Soares, com o Alexandre Pires. Essa com ele as pessoas assistem todo fim de semana, eu vejo pelas marcações nas redes. A live tem quase quatro horas de duração e eu não lembro de ter feito isso antes, parecia que estava todo mundo naquele rancho. A live foi em maio e não se entendia tanto a linguagem como teve o ano todo.

**Você pode falar um pouco sobre os seus novos projetos?**

“The Other Side” é um álbum que foi surgindo ao longo dos anos, quando eu decidi, em

2009, gravar um trabalho mais instrumental e que poderia levar mais tempo. O próprio disse quando ele ia acabar e não eu ia impor. Um álbum mais de intérprete, com compositores que eu gosto e uma autoral minha com a Marisa (Monte) e o Arnaldo (Antunes). Esse álbum foi uma busca de sonoridades encontrando pessoas. Já em 2018, resolvi fazer o “Baile Ala Baiana”, com compositores amigos da Bahia, queria fazer alguma coisa com eles, conhecia muitas das músicas e trouxe um pouco da alma do Tim Maia, do Jorge Ben, me deixei levar entusiasmado, subindo um pouco até o carimbó do Pará. É um disco divertido, para você dançar.

**Quando criamos essas sonoridades, estamos buscando nos conectar com a gente mesmo, né?**

**Você pode comentar um pouco sobre a sua expectativa com o lançamento desses filmes que você participou (“Marighella”, “Medida Provisória” e “Pixinguinha”)?**

É um privilégio viver essas histórias. Gosto muito do Pixinguinha. No caso do Marighella, eu não conhecia a história dele e é um filme muito bem dirigido pelo Wagner (Moura). São personagens completamente distintos. “Medida Provisória” a gente terminou durante a pandemia e a recepção tem sido muito positiva nos festivais. O Lázaro (Ramos) me contou que estão falando muito bem do filme. Eu já vinha desde 2016 rodando muito audiovisual e, de lá para cá, não parei de gravar, de fazer shows. Eu só fui parado pela pandemia, que não foi exatamente uma parada, porque eu fiz um monte de lives.

Por Jefferson Barbosa, integrante do PerifaConnection

**“UMA TRISTEZA ESTAR VIVENDO ISSO NÃO SÓ NO BRASIL, MAS NO MUNDO INTEIRO”**

**“A MÚSICA PROVOCA BELEZA, CAUSA SENSACIONES E AQUELA IDEIA VAI LONGE”**